REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 18/06/2026 - **Accepted:** 08/07/2026
Vol: 13.15
DOI: 10.66104/a1p7ph68
Pages: 1-25

TRAJETÓRIAS, SONHOS E VIVÊNCIAS DE FAMÍLIAS DA ROÇA – OS FLORÊNCIO GONÇALVES E OS QUEIROZ

THE JOURNEYS, DREAMS, AND EXPERIENCES OF RURAL FAMILIES – THE FLORÊNCIO GONÇALVES AND THE QUEIROZ FAMILY

LOS VIAJES, SUEÑOS Y EXPERIENCIAS DE LAS FAMILIAS RURALES – FLORÊNCIO GONÇALVES Y LA FAMILIA QUEIROZ

Henrique Cunha Junior
Professor Doutor, Universidade Federal da Bahia, Brasil
henriquecunhaafricanidade@gmail.com
https://orcid.org/0000-0002-9664-5545

Eunice Gonçalves Queiroz
Doutoranda, Universidade Federal da Bahia, Brasil
egqueiroz@aol.com
https://orcid.org/0009-0007-0978-762X

Resumo

Falar de si é um exercício de memória que destaca acontecimentos marcantes, experiências vividas e processos de socialização, contribuindo para a construção da identidade e do sentimento de pertencimento a uma localidade e a um grupo social. O povo da roça desenvolve uma relação profunda com a natureza, transmitindo entre gerações conhecimentos sobre plantas, animais e os ciclos do tempo. Nesse modo de vida, está presente a compreensão de que tudo o que nasce necessita de cuidado para crescer e que, de diferentes formas, tudo retorna à natureza. As histórias de vida e de família constituem um importante campo de produção de conhecimento, ao transformar oralidade e memória em narrativas coletivas. Nesse contexto, as memórias da população negra, as autobiografias e os estudos sobre africanidades contribuem para a construção da história coletiva e para o fortalecimento das identidades afrodescendentes. As memórias apresentadas neste artigo são analisadas a partir das perspectivas da história e da filosofia africanas. O diálogo entre África e Brasil é possibilitado pelos conceitos de africanidade e afrodescendência. Assim, são reunidas as lembranças de duas pessoas negras oriundas da roça, marcadas por experiências de orfandade familiar e social, mas que, para além das limitações impostas pelas estatísticas e desigualdades brasileiras, construíram trajetórias de resistência, união familiar e pertencimento. Trata-se de uma pesquisa empírica centrada nas experiências e memórias de populações negras.

Palavras-chave: Autoetnografia; Africanidades; Vivências; Povo negro; Histórias orais.

Abstract

Speaking about oneself is an exercise in memory that highlights significant events, lived experiences, and socialization processes, contributing to the construction of identity and a sense of belonging to a locality and a social group. Rural people develop a deep relationship with nature, transmitting knowledge about plants, animals, and the cycles of time between generations. In this way of life, there is an understanding that everything that is born needs care to grow and that, in different ways, everything returns to nature. Life and family stories constitute an important field of knowledge production, transforming orality and memory into collective narratives. In this context, the memories of the Black population, autobiographies, and studies on Africanity contribute to the construction of collective history and the strengthening of Afro-descendant identities. The memories presented in this article are analyzed from the perspectives of African history and philosophy. The dialogue between Africa and Brazil is made possible by the concepts of Africanity and Afro-

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 18/06/2026 - **Accepted:** 08/07/2026
Vol: 13.15
DOI: 10.66104/a1p7ph68
Pages: 1-25

descendence. Thus, the memories of two Black people from rural areas are brought together, marked by experiences of family and social orphanhood, but who, beyond the limitations imposed by Brazilian statistics and inequalities, built trajectories of resistance, family unity, and belonging. This is an empirical research focused on the experiences and memories of Black populations.

Keywords: Autoethnography; Africanities; Lived experiences; Black people; Oral histories.

Resumen

Hablar de uno mismo es un ejercicio de memoria que resalta acontecimientos significativos, experiencias vividas y procesos de socialización, contribuyendo a la construcción de la identidad y al sentido de pertenencia a una localidad y un grupo social. Las personas del campo desarrollan una profunda relación con la naturaleza, transmitiendo conocimientos sobre plantas, animales y los ciclos del tiempo entre generaciones. En este modo de vida, se comprende que todo lo que nace necesita cuidados para crecer y que, de diversas maneras, todo regresa a la naturaleza. Las historias de vida y familiares constituyen un importante campo de producción de conocimiento, transformando la oralidad y la memoria en narrativas colectivas. En este contexto, las memorias de la población negra, las autobiografías y los estudios sobre la africanidad contribuyen a la construcción de la historia colectiva y al fortalecimiento de las identidades afrodescendientes. Las memorias presentadas en este artículo se analizan desde las perspectivas de la historia y la filosofía africanas. El diálogo entre África y Brasil se posibilita mediante los conceptos de africanidad y afrodescendencia. Así, se entrelazan las memorias de dos personas negras de zonas rurales, marcadas por experiencias de orfandad familiar y social, pero que, más allá de las limitaciones impuestas por las estadísticas y desigualdades brasileñas, construyeron trayectorias de resistencia, unidad familiar y pertenencia. Esta es una investigación empírica centrada en las experiencias y memorias de las poblaciones negras.

Palabras clave: Autoetnografía; Africanidades; Experiencias vividas; Personas negras; Historias orales.

Nota Ética e Declaração de Uso de Nomes e Imagens: os nomes de pessoas, empresas ou instituições citadas neste artigo foram utilizados estritamente para fins de análise, contextualização ou referência histórica. Foram adotadas as diretrizes de privacidade e proteção de dados cabíveis, preservando a confidencialidade dos envolvidos onde foram usados pseudônimos. Não realizou edições que alterem a veracidade do contexto ou que possam causar danos à honra, à reputação ou à dignidade dos retratados. E a única fotografia utilizada é de uso e posse da autora.

1. Introdução

Este artigo possui caráter autobiográfico e apresenta histórias de vida escritas e narradas pelos próprios sujeitos. O trabalho insere-se no tema da memória da família negra no Brasil, tendo como fundamentação conceitual a história e a filosofia africanas, além da adaptação destas pelos conceitos de africanidade e afrodescendência (Cunha Junior, 2001). A memória, as histórias de vida e a oralidade africanas são de natureza coletiva, integram princípios sociais das sociedades tradicionais africanas e se reproduzem de maneira cultural e localizada nas memórias e histórias de famílias negras no Brasil (Souza, 2010).

Baseado em uma filosofia africana, o artigo utiliza a autobiografia para que uma pesquisadora urbana narre as trajetórias de famílias negras com raízes rurais, explorando memórias e identidades coletivas. A metodologia permite a análise da

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 18/06/2026 - **Accepted:** 08/07/2026
Vol: 13.15
DOI: 10.66104/a1p7ph68
Pages: 1-25

própria cultura, unindo vivência individual e ancestralidade. Trajetórias de famílias da roça em autobiografias, método de pesquisa focado no estudo descritivo de culturas, etnias e grupos sociais que neste trabalho surgiu dentro de um grupo de pesquisa empírica sobre os usos da memória de famílias negras em 2021 (Souza, 2010), onde os membros falavam, escreviam e discutiam sobre as suas experiências de vidas, procurando responder quem sou eu e porque penso de determinada maneira (Oliveira; Cunha Junior, 2012; Cunha Junior, 2008). O estranhamento é uma das consequências em viver dentro de um mundo de ciência eurocêntrica e estar realizando uma prática científica com base nas africanidades e afrodescendências.

Povo da roça que são sujeitos sociais com modos de vida, lógicas de produção, organização comunitária e identidades próprias; famílias do interior que desenvolveram e desenvolvem atividades no campo, geralmente associadas a atividades agrícolas como cultivo e criação de animais, com o que for comum em cada grupo com seus costumes e tradições. Famílias ligadas as culturas de populações negras, e de vidas negras em si.

Cabe explicar, se pretende fazer o desenvolvimento deste trabalho a partir das lembranças pessoais da autora, com recortes de fatos e relatos e pesquisas, mas, focando a realidade de vida dos seus genitores: Manuela e Paulino e complementando com falas de demais familiares e amigos. Então, sou a Eunice, também chamada de Nice, pelos familiares e vizinhos.

Complementa-se a pesquisa de doutoramento em andamento na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – UFBA no qual tem um recorte sobre a construção da cidade de São Paulo e a complexidade sistêmica da cultura da população negra (Queiroz, 2023).

Ter a ancestralidade de roça é estar inserida (o) na natureza por séculos! Pois, (Cunha Junior; Queiroz, 2025) relatam que “as culturas africanas escritas se desenvolveram em 6000 anos de construção de cidades no continente africano desde as civilizações do rio Nilo à atualidade”. Complementa-se (Cunha Junior, 2020), que “a unidade civilizatória africana repousa no conceito de africanidade, conceito que explica como a antiguidade africana do vale do Rio Nilo se projetou

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 18/06/2026 - **Accepted:** 08/07/2026
Vol: 13.15
DOI: 10.66104/a1p7ph68
Pages: 1-25

nas diversas regiões e épocas históricas do continente africano. Africanidade é um conceito que gera um paradigma da unidade na diversidade das culturas africana." As culturas africana são diversas mas tem um eixo axial nas civilizações do rio Nilo. Depois de criada a diversidade africana esta foi canalizada para o Brasil, em situação adversa do escravismo criminoso e resultou na afrodescendência. Assim a cultura brasileira e as culturas de vida das populações negras repousam sobre um passado africano com muitas camadas. Vidas negras que receberam a herança africana e após a abolição da escravatura receberam como continuidade o racismo antinegro.

Argumenta-se que as memórias familiares negras rurais, quando lidas por meio das africanidades e da autobiografia, revelam formas de continuidade cultural, pertencimento e organização comunitária invisibilizadas pela historiografia urbana dominante, excludente e racista.

2. Filosofia africana e referencial teórico

As discussões sobre oralidade africana, memória, história de vida e autobiografia foram aprofundadas a partir da década de 1960. Esse avanço ocorreu em razão das independências africanas e das reconceituações científicas impulsionadas pelos movimentos da Negritude e pelo fortalecimento das literaturas africanas. A questão da oralidade entrou na pauta acadêmica do Ocidente por diversas vias, sendo uma das mais importantes a publicação da História Geral da África e os debates sobre a Filosofia Africana, coleção lançada pela UNESCO que reconta a história do continente sob a perspectiva dos próprios africanos. A produção intelectual africana contrapôs-se, em muitos aspectos, à visão europeia, estabelecendo novos paradigmas científicos, sobretudo ao destacar as sociedades coletivas africanas em oposição às individualistas europeias. Dentre os autores africanos que abordam a oralidade e a memória, o mais conhecido no Brasil é, provavelmente, Amadou Hampâté Bâ, especialmente por sua obra Amkoullel, o menino fula (Silva, 2015). Outros autores de grande relevância para a área incluem Finnegan (1983), Kenyatta (1938), Oruka (1990) e Olúwọlé (1997).

Dentro dos estudos de Sophie Oluwọlé sobre a filosofia do Ifá, ganhou

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 18/06/2026 - **Accepted:** 08/07/2026
Vol: 13.15
DOI: 10.66104/a1p7ph68
Pages: 1-25

destaque a maneira específica dessa cultura ser transmitida: a transmissão oral, visto que essa antiga tradição é fundamentada na oralidade. O Ifá é a filosofia de Ọ̀rúnmìlà (filósofo yorùbá do séc. IV a.C.), transmitida de forma oral. Seu corpus filosófico é composto por 256 poemas chamados Odù, que se dividem em 16 Odù maiores (os Ojú Odù) e 240 Odù menores (chamados Ọmọ Odù), os quais são interpretados por meio de sistemas oraculares. Pelos trabalhos de Sophie Oluwọlé, a oralidade foi robustecida com teoria e metodologia de trabalho em dois de seus livros: o primeiro, "Philosophy and Oral Tradition" (Olúwọlé, 1997), e o segundo, "Socrates and Ọ̀rúnmìlá: Two Patron Saints of Classical Philosophy" (Olúwọlé, 2017). Nesse artigo, utilizamos o legado de Sophie sobre a oralidade e o adaptamos para o estudo das comunidades negras brasileiras. Contudo, também somos influenciados pelos trabalhos de Henry Odera Oruka. No livro "Sage Philosophy" (Oruka, 1990), ele descreve, na parte dois do seu escrito, entrevistas e histórias de vida de sábios de seu país; o autor introduz o aprendizado desenvolvido pelos sábios locais através da oralidade, propondo também metodologias para a coleta desses pensamentos. Os trabalhos de Sophie e Oruka se completam e se entrelaçam, movidos pela produção da filosofia africana a partir da tradição oral.

3. Metodologia, objetivos, conceitos e época da escrita

As experiências narradas pertencem a trajetórias familiares específicas e dialogam com processos mais amplos de ruralidade negra, migração e afrodescendência, representando nesta pesquisa o recorte de uma família negra brasileira. Contudo, elas oferecem uma ampla contribuição ao demonstrar que as histórias de famílias negras rurais não são apenas relatos privados, mas arquivos vivos de deslocamentos, permanências culturais, regimes de trabalho, festas, culinária, parentesco e reconstrução de pertencimento na cidade.

Objetiva-se, neste contexto, explanar formas africanas de conhecimento, propondo a memória negra, a ancestralidade e a experiência vivida como dimensões legítimas de produção histórica.

A metodologia utilizada é a afrodescendente (Souza; Cunha Junior, 2011;

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 18/06/2026 - **Accepted:** 08/07/2026
Vol: 13.15
DOI: 10.66104/a1p7ph68
Pages: 1-25

De Oliveira et al., 2025), na qual a relação hierárquica anteriormente estabelecida entre o objeto e o sujeito da pesquisa é substituída por uma relação dinâmica entre sujeitos pesquisados e pesquisadores. Nas novas abordagens das ciências sociais, essa relação sujeito-sujeito viabiliza a perspectiva afrodescendente de pesquisa, em que o pesquisador compreende a realidade em estudo a partir de sua própria vivência. A isso se soma a revisão bibliográfica de autores que dialogam com o tema ou que ampliam o conhecimento sobre ele.

Como fontes para a autobiografia e a autoetnografia, utilizaram-se as lembranças da autora sobre fatos cotidianos, conversas e visitas familiares que reconstruíram acontecimentos por meio da memória. Trata-se de um resgate que vai da infância à vida adulta, com um recorte temporal a partir de 1972. Os critérios narrativos seguem uma continuidade cronológica, e vale acrescentar que a autora já havia desenvolvido reflexões prévias sobre a temática em capítulos de livro (Queiroz, 2021; 2023). Utiliza-se, inclusive, fotografia pessoal e pesquisas em documentos públicos. Diante da complexidade do contexto abordado, conclui-se que o manuscrito é uma autoetnografia memorialística baseada em relatos orais.

4. Localização e espaço da história

As memórias e histórias de vida na produção da história africana receberam um enfoque da complexidade sistêmica e da transdisciplinaridade, no qual a produção de uma geração num determinado espaço é estudada sob o conceito de ancestralidade (Cunha Junior, 2010). Os lugares, as suas populações, os seus feitos e as suas histórias são ancestrais. Portanto, este item no artigo define os locais-base desta memória ancestral. Pretende-se explanar a trajetória das famílias Florêncio Gonçalves em Cafelândia, no interior de São Paulo, na época do apogeu do café e dos avanços da industrialização. O mesmo será feito em relação aos Queiroz em Feira de Santana, no interior da Bahia. Esta última situa-se no Recôncavo baiano e no Território de Identidade Portal do Sertão, sendo uma cidade de grande importância comercial, localizada no berço do primeiro município brasileiro; onde os sitiantes tiveram uma forte inserção nas plantações de subsistência e trocas contínuas e hoje desponta entre as grandes cidades baianas.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 18/06/2026 - **Accepted:** 08/07/2026
Vol: 13.15
DOI: 10.66104/a1p7ph68
Pages: 1-25

Busca-se constatar o que ambas as famílias podem nos revelar sobre si e sobre suas "famílias da roça".

Já sobre a cidade de São Paulo, a sua história é marcada por três grandes momentos de migração de grupos negros e afrodescendentes para a região, descritos a seguir:

> Constata-se que o estado de São Paulo foi construído por mãos negras africanas, em especial etnia bantu no início do século XVI. Em um segundo instante com o crescimento da cidade e o sucesso na plantação, entre outros de cafezais, houve um aumento desta população negra escravizada. E já no Brasil República com a industrialização houve um grande contingente de nordestinos negros que migraram para este estado. (CUNHA JUNIOR , QUEIROZ; n.p., 2025)

4.1. Guarantã / Cafelândia na fazenda Guaiuvira

Fundada em 1919 como Vila de Cafelândia, então distrito de Pirajuí, a cidade paulista foi emancipada em 1925. Seu nome homenageia a forte influência da cultura cafeeira na economia local. Ao longo dos anos, o município reconfigurou seu território e, segundo o Censo (IBGE, 2022), possui uma população total de 16.654 habitantes.

Mamãe Manuela foi registrada em Guarantã – SP no dia 31 de julho de 1940, mas sempre nos contou que seu aniversário é em 17 de junho. Naquela época, os registros costumavam ser feitos tardiamente (ela tinha 44 dias de vida ao ser registrada) ou com datas aproximadas, visando evitar multas. Ela viveu sua infância em uma fazenda de café em Cafelândia, tendo orgulho de ser considerada cafelandense.

Então, mamãe, nascida na região de fazendas de café, contava que sempre havia fogueiras no local, onde se assavam batata-doce e milho. Embora suas lembranças comuns fossem de sempre ver a sua mãe doente e o pai muito bravo. Como se tivesse retornado no tempo, me disse em determinada conversa:

- “Lá era tudo muito simples Nice, quando minha Mãe Alzira faleceu que é a sua avó, seu avô, meu pai José, ficou ainda mais bravo e carrancudo. Seu irmão Paulo Henrique parece muito com ele de aparência e também de gênio, outro fator em comum nos dois é a maneira altiva de se colocar nas situações.”

- “Depois, veio a notícia que papai José morrera. Segundo diziam foi de

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 18/06/2026 - **Accepted:** 08/07/2026
Vol: 13.15
DOI: 10.66104/a1p7ph68
Pages: 1-25

mordida de cobra cruzeiro, devido nos cafezais ter muitas cobras."

- "E a senhora passou a ficar sozinha na casa após a morte do vovô? "

- "Fiquei um tempo ali, pois a família estava resolvendo. Depois vieram me dizer que a dona da fazenda Alzira ia me enviar para trabalhar na casa de sua filha Sarita, que eu iria para São Paulo e teria meu próprio dinheiro. "

- "Então ficou tudo certo e foi bom? "

- "Ai, ai Nice só por Deus ...! Fui, dormia no quartinho da empregada e sempre tinha que estar à disposição deles. Sábados, domingos, feriados e em dias de festas que iam até tarde da noite. E só podia ir dormir depois que tudo, tudo nos mínimos detalhes estivesse em ordem. Eu não tinha nenhuma noção do pagamento, se era bom ou ruim e o que fazer com todo aquele montão de coisas novas. Então, em determinado momento fui enviada para a casa da dona da fazenda, pois eu trabalhava na casa da filha. Foi quando conheci sua madrinha Rita, ela trabalhava na casa da Alzira (a mãe) e eu na Sarita (a filha). Então passamos a sair juntas, íamos na cabelereira. E alisava os cabelos com ferro quente e fazia um belo e enorme coque, eu tinha muito cabelo como você tem hoje, Nice. Também, comprávamos roupas e nos finais de semana da nossa folga voltávamos para a nossa terra em comum de trem. O trem funcionava e dava tudo certo. "

E mamãe continuou... - "Sabe por que odeio passar roupa de linho, por que por mais que eu fizesse o trabalho bem feito e com cuidado, a Sarita, sempre tinha um motivo para ser grosseira. O mais comum era quando uma roupa passada e engomada dela tinha um detalhe que não estava a seu gosto. Na realidade ela sempre encontrava um problema, em hipótese alguma ela pedia para repassar; fazia questão gritar e amassar a peça de roupa na minha frente e a jogava no cesto de roupas aos berros..., entenda até as calcinhas e sutiãs dela eram de linho. Até os dias de hoje não posso nem olhar para roupas de linho. "

- "E a senhora, ficou quanto tempo neste trabalho? "

- "Depois arrumei outro emprego, mas a dona não tinha quarto para a empregada, então depois que o marido dela chegava do trabalho eu arrumava a minha cama na garagem ao lado do carro, era uma cama de abrir. Eu já conhecia

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 18/06/2026 - **Accepted:** 08/07/2026
Vol: 13.15
DOI: 10.66104/a1p7ph68
Pages: 1-25

seu pai e então em um ano casamos e passei a vir diariamente para o nosso bairro. O Jaguaré era longe, tinha pouca condução, andávamos um caminho de terra aberto no mato para chegarmos em casa. Quando chovia chegávamos em casa com os sapatos transformados pelo barro."

Mas, o quanto esta moça da roça manteve dos seus hábitos iniciais aqui na capital? Bem, eu me lembro de mamãe fazendo simpatias... Havia também um pequeno jardim, onde ela cuidava, e cultivávamos um pé de figo, temperos e muitas rosas, ela adorava rosas. Nos fundos da casa, havia um galinheiro para consumo familiar. E, quando precisava matar as galinhas, mamãe fazia isso com muita destreza, limpava as aves e nos avisava que teríamos galinha ao molho pardo.

Figura 1 - Fotografia em preto e branco, no formato 10x7,5 cm, de Manuela Gonçalves Queiroz, entre 1967 e 1969. No período, ela era casada e mãe de duas meninas. Destacam-se sua liderança no acolhimento familiar e sua forte presença comunitária, com fogueiras em plena capital paulista.



Fonte: Arquivo pessoal de Nice Queiroz

Então, minha querida e saudosa mãe, Manuela Florêncio Gonçalves, representada na fotografia da Figura 1, este era o seu nome de solteira, teve seu registro de nascimento na cidade de Guarantã, mas foi criada até os 17 anos na Fazenda Guaiuvira, no município de Cafelândia. Aos onze anos, ficou órfã de mãe e, aos dezessete, órfã de pai. Foi enviada, para a capital paulista em busca de uma profissão e da construção de uma família, que lhe havia sido retirada pelas duras

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 18/06/2026 - **Accepted:** 08/07/2026
Vol: 13.15
DOI: 10.66104/a1p7ph68
Pages: 1-25

realidades da vida. Segundo o resgate das datas, mamãe devia ter entre 27 e 30 anos nesta fotografia. Nessa época, já era casada, mãe de duas filhas e atendia pelo nome de Manuela Gonçalves Queiroz.

Mas acredito que o seu grande diferencial é que, enquanto teve saúde, manteve viva por quarenta anos uma tradição em São Paulo - Capital, no bairro do Jaguaré, fazendo uma fogueira na frente de nossa casa. Isso estruturou um verdadeiro processo de Territorialização, que, segundo o dicionário (DICIO Online, s.d.), é o processo de organização e delimitação de um espaço geográfico com base em relações sociais, culturais e econômicas. (Queiroz, 2021) Nesse espaço, comemorávamos tradicionalmente o São João. A fogueira era enorme, passávamos a noite acordados e assávamos batata doce, enquanto havia quentão, pipoca, bolos, cuscuz, entre outros quitutes. Na semana que antecedia a data, mamãe ficava organizando e cozinhando tudo para o evento. O relato amplo dessa festa pode ser encontrado no livro Negras Grafias em Autobiografias, no conto “Fogueiras Urbanas: Minhas Lembranças são aquilo que sou”. Sobre a quadrilha, relembro que,

> em determinado momento alguém anuncia, pessoal é hora da quadrilha, os pares se organizam e a dança se inicia. Quem já dançou quadrilha sabe: balancê, passeio, cumprimentos, grande passeio, troca de damas e cavalheiros, damas ao centro, olha a cobra, a ponte caiu, olha a chuva, olha o túnel e a despedida; são pontos estruturais nesta deliciosa dança de pares. Adoro esta dança cheia de detalhes e ao mesmo tempo com coisas tão pitorescas! (QUEIROZ, 2021, p.101)

Agora sobre a organização desta festa lá em casa,

> estas festas juninas eram quase um evento lá em casa, no mês da sua comemoração na compra mensal de produtos já se via a sua importância. [...] Na semana que antecedia a data de São João ou no sábado mais próximo desta data é que tudo acontecia. Mamãe começava a cozinhar e antecipar os preparativos durante a semana, comumente na quinta-feira ela pegava o seu carrinho de feira e se dirigia a Feira Livre e comprava tudo de melhor e mais fresquinho, produtos como coco, gengibre, tomate, cenoura, batatas, temperos diversos. Então ela começava o preparo de tudo que fosse possível, mas se faltava algo [...] mandava buscar no bar do seu Júlio, [...] (QUEIROZ, 2021, p.101)

4.1.1 Passeio na cidade de Bauru

Recordo-me de uma viagem de férias para Bauru, no interior de São Paulo, quando ainda era criança. Mamãe colocou a mim e à Fátima no trem, na Estação

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 18/06/2026 - **Accepted:** 08/07/2026
Vol: 13.15
DOI: 10.66104/a1p7ph68
Pages: 1-25

da Luz, e, na manhã seguinte, nosso padrinho Vando nos recebeu na estação de Bauru. Como trabalhava na ferrovia, estava atento à nossa chegada. Algum tempo depois, mamãe também chegou à cidade, para nossa alegria.

Durante a visita a familiares, caminhamos por várias ruas e por uma longa trilha de terra cercada por vegetação. Ao final do percurso, chegamos a um amplo terreno onde havia uma pequena casa. Ao redor, muito mato e, ao longe, uma grande árvore se destacava na paisagem. Dentro da casa estava uma senhora cozinhando em um fogão de barro. Ela se aproximou para me oferecer algo para comer, mas recusei. Mamãe ficou contrariada e eu comecei a chorar.

Hoje compreendo que aquela senhora era minha bisavó Estela. Não me recordo de seu rosto, apenas dessa cena. Talvez eu tenha recusado sua gentileza por não me lembrar de tê-la visto antes. Curiosamente, meu nome, Eunice, é uma homenagem à filha dela, Alzira, que faleceu quando mamãe tinha apenas onze anos. Com pouca instrução formal, mamãe pediu que papai realizasse meu registro, desejando prestar essa homenagem à sua mãe, cuja vida foi interrompida tão precocemente. E assim foi feito, da maneira possível, mas carregado de afeto e memória.

Mamãe era uma excelente cozinheira. Em meu conto: “Aquele maravilhoso bolo de coco”, publicado no livro Autobiografias e Territórios, utilizo a preparação de um bolo para rememorar episódios da história de nossa família. Entre essas lembranças, relato uma viagem à cidade natal de mamãe, Guarantã.

Eu tinha cerca de oito anos quando realizamos essa viagem. Após mudar de emprego, papai comprou um Fusca verde-escuro e seguimos para o interior. A viagem foi longa e cansativa, mas a maior surpresa foi encontrar uma cidade tão pequena. Acostumada à capital, estranhei quando mamãe apontou o centro da cidade, e perguntei, curiosa, se aquilo era tudo. Ela então explicou que os lugares crescem com o tempo. Pouco depois, seguimos para a Fazenda Guaiuvira, onde mamãe havia vivido com seus pais. A entrada da propriedade me causou profundo encantamento. Enormes bambuzais alinhavam-se dos dois lados da estrada, formando um arco sobre o caminho, como um túnel que parecia não ter fim. Atravessar aquele corredor natural foi uma experiência marcante, cuja imagem

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 18/06/2026 - **Accepted:** 08/07/2026
Vol: 13.15
DOI: 10.66104/a1p7ph68
Pages: 1-25

permanece viva em minha memória até hoje. Então, olhando admirada para aquela paisagem, falei para mamãe:

- “Não acaba Mãe, ele é muito grande olhe só nunca vai acabar. ”

Mamãe ria... da minha fala e para me acolher, respondeu:

- “Calma, é assim mesmo Nice! ”

Contei até dez, depois até vinte, e o bambuzal parecia não ter fim. Hoje me pergunto se contei corretamente, mas o que permanece vivo em minha memória é o encantamento diante daquele imenso arco de bambus, belo e frondoso. Na imaginação infantil, o bambuzal fechava-se atrás e à frente de nós, como se tivesse nos engolido. À medida que papai dirigia, o caminho ia se abrindo, como se estivéssemos atravessando o interior de uma criatura encantada. Quando o túnel terminou, pude finalmente avistar as plantações e as construções da fazenda.

Fomos hospedados na casa de uma conhecida de mamãe, que também era sua madrinha. Era uma casa simples, de tijolos, com uma ampla varanda e cercada por plantações. Lembro-me de subir no pequeno muro da varanda para observar a paisagem. Dali, meus olhos alcançavam extensões de lavouras que pareciam não ter fim. Para uma criança acostumada à cidade, aquela imensidão era bela, diferente e fascinante.

4.2 A cidade de Feira de Santana ou Feira

Feira de Santana é uma cidade de longa trajetória histórica. Sua origem remonta à criação da Vila do Arraial de Feira de Sant’Ana, em 9 de maio de 1833, quando o então povoado foi elevado à categoria de vila, com território desmembrado de Cachoeira (Acorda Cidade, 2014).

Meu pai é natural de Feira de Santana, e os nascidos na cidade são conhecidos como feirenses. Popularmente chamada apenas de Feira por seus moradores, a cidade possuía, segundo o Censo de 2022, uma população de 616.272 habitantes (IBGE, 2022), figurando entre os principais centros urbanos da Bahia. A formação histórica e econômica de Feira de Santana guarda relações com atividades tradicionalmente desenvolvidas por populações africanas e afrodescendentes, especialmente a agricultura, a criação de animais e o comércio.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 18/06/2026 - **Accepted:** 08/07/2026
Vol: 13.15
DOI: 10.66104/a1p7ph68
Pages: 1-25

Em seus primórdios, a economia local era sustentada por feirantes e produtores rurais, cujas atividades contribuíram para o crescimento da região. Com o passar do tempo, a cidade consolidou-se como importante polo comercial, logístico e industrial da Bahia (G1 Bahia, 2019).

Outro aspecto que chama a atenção é a presença da palavra quitanda tanto no Brasil quanto em Moçambique, evidenciando permanências culturais e linguísticas da diáspora africana. Tais conexões reforçam a importância da memória histórica para a compreensão do presente e a construção do futuro.

Papai Paulino, contava que sempre havia muita fartura em sua casa e que aos domingos as moças se arrumavam para passear na praça. Também fala que acordavam muito cedo para cuidar da terra. Eles plantavam os mais variados tipos de frutas e comercializavam. As frutas que entendo que ele gosta bastante são jaca, banana e laranja esta última ele descasca calmamente fazendo um longo fio da casca. Ele é o mais novo de onze filhos e muito cedo sua Mãe faleceu; então seu Pai casou novamente com Maria, segundo seu relato a madrasta chamada carinhosamente de Beca, era muito boa, era como uma Mãe para ele e para os irmãos. E ele foi muito feliz na Bahia!

Em São Paulo com muito trabalho e economia, papai deu entrada no terreno da família com parte das economias trazidas da Bahia e depois foi pagando em longas prestações o restante. Ele foi construindo a casa, foi pagando o restante das prestações do terreno, e sustentava a família; em um projeto de vida realizado graças ao seu empenho e à excelente gestão financeira de sua esposa, Manuela.

Já Tia Joana também chamada de Joanita, irmã de papai, contou que a escola lá em Feira tinha um tempo para permanecer (até a quarta série primária) e era longe de casa. E para continuar o ginásio tinham que ir para outras cidades. Os professores do primário vinham de fora para dar aula, por isso o prédio da escola tinha uma parte que morava o professor (a) e outra para as aulas; nascida em 1939 relembrava com detalhes uma festa junina na escola em sua cidade natal, em que ela foi “o noivo” e neste evento havia um campeonato de cantos das crianças. Lhe emprestaram paletó azul, calça e sapatos masculinos e chapéu flanelado. Ela competiu com uma menina vestida de noiva que era filha de um

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 18/06/2026 - **Accepted:** 08/07/2026
Vol: 13.15
DOI: 10.66104/a1p7ph68
Pages: 1-25

fazendeiro na região, então a menina noiva fez seu canto e ao terminar todos ficaram quietos. Então foi a vez de Joanita que cantou a seguinte cantiga, com encenação e movimentos circulares na cintura. Ela cantou a "Comadre Sebastiana".

Tia Joanita sempre foi apaixonada por música. Na infância, venceu um campeonato de canto, lembrando até recentemente, de uma canção que remete aos sucessos de 1953 popularizados por Jackson do Pandeiro, a seguir, descreve-se o que ela relembrava da música. Já em São Paulo, destacou-se cantando como contralto no coral da Igreja São Francisco de Assis, no Jaguaré. Vamos a música:

Convidei a comadre Sebastiana
Para dançar xaxado na Paraíba
Ela veio com uma dança diferente
E pulava que nem uma guariba
E gritava: a, e, i, o, u, yipsilone
.....
O xaxado esquentou na gafieira
E ela repetia a, e, i, o, u, yipsilone

Letra original de: Jacksomn do Pandeiro - 1953.

Na saga da Bahia para São Paulo, ela e papai migraram da Bahia para São Paulo em busca de uma vida melhor. Para pagar as passagens de ônibus e trem, Joanita usou o dinheiro de sua própria plantação e colheita. A viagem foi desafiadora pois o trem quebrou no meio do caminho, e a salvação para os dois foi a farofa de frango caipira que eles trouxeram.

4.2.1. Passeio a Feira de Santana

Visitei à terra natal do meu pai quando tinha 21 anos. Primeiro, fui para Salvador com uma amiga, onde participamos do carnaval que, naquela época, se concentrava na Praça Castro Alves. Depois, segui para Feira de Santana. Visitei parentes e fiquei na casa de Tio João, chamado de Joãozinho. A casa era térrea, com uma varanda que se abria para um enorme pomar. Fiquei impressionada com tanto verde e tantas plantas. Ele me disse: "- Pode ficar à vontade e comer as frutas que quiser." Saí andando e comi manga, abacate, jaca e tudo aquilo que me agradava. O resultado? Na hora do almoço, quando tia Maria (esposa de Tio

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 18/06/2026 - **Accepted:** 08/07/2026
Vol: 13.15
DOI: 10.66104/a1p7ph68
Pages: 1-25

Joãozinho) veio nos chamar, agradeci, pois não cabia mais nada no estômago. Pedi desculpas, mas não me lembrei de que ela estava cozinhando especialmente para nós. Tio Joãozinho ria, do o meu embaraço, enquanto tia Maria se retirou da conversa muito brava e resmungando.

Outra situação que sempre me vem à mente é a repetição constante de frases pelas pessoas da família: “- Somos ricos!” Sempre respondo com um sorriso e pergunto: “- Ricos aonde?” Alguns respondem, esquivando-se, que somos ricos de saúde; outros ficam chateados por eu colocar este fato importante em dúvida. E ainda há aqueles que afirmam: “- Somos sim!” com um tom de autoridade e como se fosse uma verdade absoluta.

Então, o que papai Paulino deixou para trás em busca de um novo sonho? Ele pertencia a uma família considerada importante e influente na região. Segundo relatos de familiares e conhecidos, eles eram tidos como abastados. Havia, contudo, disputas envolvendo a metragem e a partilha de terras, gerando desavenças com um cunhado. A isso somava-se uma situação delicada: ele era mais jovem e a moça com quem se relacionava, Ambrosina, estava grávida. Como ela já tinha dois filhos de outro relacionamento, a família da moça exigia o casamento. Nesse cenário, o desejo de mudar de vida já existia, assim como os conflitos pelas terras com o cunhado. Paulino colheu e negociou o que havia plantado para financiar a viagem. Com o dinheiro em mãos, partiu para São Paulo na companhia de sua irmã, Joana. Eles viajaram de ônibus e trem, um grande diferencial para a época, em 1959. Então eles vieram para São Paulo à procura de novas possibilidades, pois, São Paulo era chamada terra da oportunidade.

4.3 Chegada à capital paulistana

A chegada à capital trouxe desafios inesperados e subempregos. Morando em uma pensão, papai começou como ajudante no depósito Almeida & Almeida, na Av. da Consolação. Com esforço, tirou carta de motorista e tornou-se condutor do caminhão da empresa, um local que mais tarde mamãe me mostrava quando eu era criança.

Tia Joana, conhecida como Joanita, irmã de papai, chegou a São Paulo e foi

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 18/06/2026 - **Accepted:** 08/07/2026
Vol: 13.15
DOI: 10.66104/a1p7ph68
Pages: 1-25

acolhida por Lourdes e José Araújo, amigos de sua cidade natal que também estavam se estabelecendo na capital. Como, à época, não era considerado adequado que uma jovem solteira morasse em pensão, ela permaneceu com o casal, dividindo o pequeno espaço de um único cômodo com banheiro externo. Segundo seu relato, foi recebida com muito carinho e repartia com o casal a única cama disponível. Logo conseguiu emprego como empregada doméstica e passou a residir na casa dos patrões. Cerca de dois anos depois, conheceu Alexandre, com quem namorou e se casou. O início da vida conjugal foi marcado por dificuldades. Sua filha Sandra sobreviveu em meio a muitas privações, enquanto Joanita conciliava os cuidados com a criança e as tarefas domésticas. Após cerca de um ano morando com seu irmão Paulino e sua esposa Manuela, o casal adquiriu um terreno e iniciou a construção da própria casa.

Papai Paulino e mamãe Manuela casaram-se em São Paulo, em 1962. Dois anos depois, viajaram para a Bahia. Nessa época, os filhos gêmeos de papai com a Sra. Ambrosina, Jorge e Jorgina, tinham aproximadamente cinco anos de idade. Jorgina finalmente encontrou o pai de quem tanto ouvira falar. Estavam, pela primeira vez, frente a frente. Diante dela estava um homem alto e bonito. Emocionada, disse: “- Meu pai!” Ele lhe pediu a bênção, e ela respondeu: “- A bênção, meu pai.” Em seguida, recebeu um longo abraço. Pouco depois, ele começou a se afastar. Então, Jorgina gritou: “- Papai!” Ele se virou e respondeu: “- Eu ou mas volto e, na próxima vez, trarei uma boneca para você. Combinado?”

Jorgina esperou, durante anos, pelo retorno do pai, que nunca aconteceu. Cresceu, mudou-se para São Paulo e, participando de uma igreja, conheceu Antônio, um viúvo sem filhos. Apesar da diferença de dezoito anos entre eles, construíram uma relação e se casaram. Já adulta e casada, conseguiu o endereço daquele tão esperado pai e decidiu visitá-lo acompanhada do esposo. Na ocasião, conheceu quatro irmãos do casamento de Paulino com Manuela: Aparecida de Fátima, Eunice, Paulo Henrique e José. A visita foi marcada por uma longa tarde de conversas e recordações. Em meio às memórias da Bahia, às ausências e às expectativas acumuladas ao longo da vida, Jorgina, de repente, perguntou: “- E a minha boneca?” Todos se voltaram para ela. Afinal, ali estava uma mulher adulta,

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 18/06/2026 - **Accepted:** 08/07/2026
Vol: 13.15
DOI: 10.66104/a1p7ph68
Pages: 1-25

com sua própria família, ainda cobrando uma boneca prometida na infância.

Paulino, surpreso, estalou a língua como quem procurava uma resposta e disse: “- Ah, minha filha, quanta besteira!” Mas aquela cobrança parecia ir muito além de um brinquedo. Talvez representasse anos de espera, ausências e promessas não cumpridas. Sem perceber toda a dimensão de suas próprias palavras, Jorgina respondeu: “- Mas o senhor prometeu e não cumpriu.” E ele, mais uma vez, repetiu: “- Quanta besteira!”

Todos nós permanecemos em silêncio diante daquela conversa. No entanto, algo havia mudado na maneira de Jorgina se portar. Algum tempo depois, participamos de um almoço oferecido por Jorgina e Antônio. Em outra ocasião, ela também esteve em nossa casa para um almoço de retribuição. Chamava atenção o modo como se referia a Paulino: a todo momento enfatizava a expressão “meu pai”, quase como uma afirmação necessária e constante. Parecia haver, nesse possessivo, a tentativa de reivindicar algo que lhe faltara durante grande parte da vida: a convivência, o afeto e o acolhimento paterno. Assim, aquele pai ausente, que por tantos anos existira apenas na espera e na imaginação, precisava ser reafirmado em suas palavras, estivesse ele presente ou não.

Jorge relatou que sempre ouvira que o pai, Paulino, veio para São Paulo quando sua mãe estava com seis meses de gravidez e só retornou à Bahia anos depois, já casado. Ele conheceu o pai ainda criança, na casa de farinha do avô João Queiroz, que na verdade era seu tio. Nesse encontro, o pai se aproximou, pegou uma palha de banana e entregou cinco contos de réis ao menino, enrolando o dinheiro na camisa e amarrando-o com a palha, dizendo: “- Entregue à sua mãe e diga para comprar algo para vocês dois”.

Jorge correu para casa e entregou o recado e o dinheiro. A mãe, Ambrosina, afirmou que finalmente teriam algum auxílio. Com pouca instrução formal, ela administrou o valor com grande habilidade, quitando dívidas, comprando alimentos e investindo em pequenos animais, como um porco, depois ovelhas e, posteriormente, uma novilha. Esses ciclos de compra e venda ajudaram a sustentar a família ao longo dos anos.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 18/06/2026 - **Accepted:** 08/07/2026
Vol: 13.15
DOI: 10.66104/a1p7ph68
Pages: 1-25

4.4 A importância da data de São João em Salvador – BA

O presente texto foi elaborado no bairro do Dique do Tororó, em Salvador, capital da Bahia, região conhecida por seu lago urbano, vegetação antiga e pelas representações dos orixás instaladas em seu entorno.

A escrita foi iniciada em 24 de junho, data em que se celebra o São João, uma das festividades mais significativas do calendário cultural baiano. Nesse período, a cidade apresenta forte mobilização popular, com ruas ornamentadas por bandeirolas, fogueiras e intensa circulação de manifestações culturais, enquanto o fluxo urbano se modifica consideravelmente, inclusive com redução do transporte público em algumas áreas.

Nesse contexto, observou-se também a hospitalidade cotidiana das pessoas, marcada por cumprimentos e desejos de “Feliz São João” dirigidos até a desconhecidos, evidenciando um traço cultural de sociabilidade e convivialidade. Um mês antes das festividades, já era comum ouvir relatos de deslocamento para o interior, prática associada ao reencontro familiar e às celebrações tradicionais.

Esses elementos permitem compreender a relevância do São João como expressão cultural estruturante na dinâmica social e espacial da cidade de Salvador.

4.5 Fogueiras com seus santos é um evento regional tanto na Bahia como em São Paulo.

Propõe-se aqui uma reflexão sobre o modo de vida associado à “roça”, entendido como o universo social no qual meus pais, tios e gerações anteriores (inclusive africanas) cultivavam a terra, colhiam, comercializavam e organizavam sua existência a partir do trabalho agrícola e do cuidado com animais.

Essa forma de vida era marcada por rotinas que começavam antes do nascer do sol, aproveitando a frescura da madrugada, e por estratégias de enfrentamento do calor intenso ao longo do dia. Trata-se de uma economia de subsistência, caracterizada por uma relação direta e contínua com a natureza, na qual o trabalho na terra e com os animais estruturava o cotidiano.

Esse modo de vida evoca um conjunto de saberes e práticas profundamente

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 18/06/2026 - **Accepted:** 08/07/2026
Vol: 13.15
DOI: 10.66104/a1p7ph68
Pages: 1-25

vinculados ao território, revelando uma forma de inteligência prática e ambiental. Ao mesmo tempo, é importante reconhecer que tais experiências não são homogêneas, variando conforme as especificidades históricas, sociais e regionais de cada contexto, mas é fato que migraram com as pessoas.

Muitos parentes de Feira de Santana relatavam que mamãe costumava fazer fogueiras para agradar papai. Hoje, compreendo que essas fogueiras também estavam ligadas às suas próprias memórias, ainda que marcadas por experiências difíceis da infância e adolescência na região de Cafelândia, na Fazenda Guaiuvira. Aquele espaço, atravessado por perdas significativas, foi também um importante sustentáculo de valores e referências. Nele, ela construiu uma forte valorização da família, da união e da convivência coletiva. Nesse sentido, pode-se compreender esse processo como uma forma de territorialização (DICIO, s.d.), isto é, a organização e a apropriação de um espaço geográfico a partir de relações sociais, culturais, políticas e econômicas, conferindo-lhe significado e pertencimento.

Como exemplo de um hábito reelaborado, o vatapá, prato da culinária afro-brasileira, era preparado por mamãe especialmente durante a Semana Santa católica. Ela aprendeu a receita como forma de agradar papai. Preparava a massa moendo o amendoim até transformá-lo em uma pasta cremosa, que reservava. O camarão era cozido ao molho com chuchu, numa adaptação própria para render mais. Na hora de servir, dispunha arroz branco, uma concha da massa e outra do camarão. Era um momento aguardado de reunião familiar, embora papai frequentemente chegasse atrasado, por horas...

Ao revisitar essas memórias familiares, e ao reconhecer minhas origens ligadas ao universo da roça, passei a refletir sobre as semelhanças e diferenças entre os grupos familiares dos Florêncio e dos Queiroz, ambos marcados por modos de vida baseados na agricultura, na criação de animais e no trabalho com a terra. O que parece mais significativo, entretanto, é a forte relação de ambos com a natureza com o chão, o sol e a água como elementos estruturantes da existência.

No caso de papai Paulino, percebo também o apreço por frutas como jaca, laranja e banana, além de uma alimentação simples baseada em feijão, farinha e carne. Esse traço pode ser associado ao contexto baiano de origem. Já em São

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 18/06/2026 - **Accepted:** 08/07/2026
Vol: 13.15
DOI: 10.66104/a1p7ph68
Pages: 1-25

Paulo, nossa família residia próxima ao CEAGESP, na Vila Leopoldina, e ele costumava ir até lá comprar frutas. Muitas vezes, trazia uma grande jaca mole, que abria com cuidado e nos ensinava a comer com as mãos, explicando como evitar que o leite da fruta manchasse a roupa.

Em relação a mamãe Manuela, além das já mencionadas simpatias, do cuidado com as plantas no quintal e da criação de animais no fundo da casa, destaca-se principalmente sua liderança no âmbito familiar e comunitário. Ela acolheu, ao longo de muitos anos, diferentes parentes vindos da Bahia em nossa residência, sempre com atenção e disponibilidade. É importante situar que vivíamos em condições econômicas modestas, com salário limitado para sustentar quatro filhos, um sobrinho e o casal. Ainda assim, quando havia visitas, geralmente prolongadas, havia um esforço constante para oferecer o melhor possível.

Predominantemente, essas visitas eram da família paterna, enquanto a família materna esteve presente apenas uma vez, em uma breve estada. Paralelamente, mamãe realizava anualmente uma fogueira em frente à casa, em uma rua que inicialmente não era asfaltada. Posteriormente, com a pavimentação, o espaço da fogueira passou a ser adaptado sobre a tampa de um poço desativado, mantendo-se a tradição.

Inicialmente restrita ao núcleo familiar, a celebração evoluiu para encontros mais amplos, envolvendo vizinhos, e posteriormente tornou-se uma festa comunitária que se estendia pelas ruas próximas. Em determinados anos, contou inclusive com a presença de colegas de trabalho de papai, do Banco Real. A fogueira tornou-se uma marca tão significativa que, quando mamãe adoeceu e passou por longos tratamentos, os vizinhos organizaram uma festa junina em sua homenagem, com uma faixa que dizia: “Festa Junina à Dona Manuela”, relembro da sua emoção ao ler a faixa.

Após seu falecimento, muitos relataram que a rua já não era a mesma, como se a convivência cotidiana tivesse se esvaziado. As pessoas passaram a se recolher mais em suas casas, reduzindo a circulação e o diálogo entre vizinhos.

Observa-se, assim, que se trata de práticas culturais semelhantes em diferentes regiões, articuladas por processos históricos de migração e

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 18/06/2026 - **Accepted:** 08/07/2026
Vol: 13.15
DOI: 10.66104/a1p7ph68
Pages: 1-25

reconfiguração social. Nesse sentido, é possível compreender essas experiências como expressões de permanências e reelaborações culturais no contexto das migrações internas brasileiras, especialmente das populações negras do Nordeste para o Sudeste, nas quais elementos da ancestralidade são ressignificados, mantendo sua essência, ainda que transformados pelos novos territórios.

5. Processos coletivos e episódios familiares

Entende-se que a socialização por meio de comemorações — como aniversários, casamentos, formaturas e churrascos, entre outros, é fundamental para agrupar as pessoas e disseminar a cultura, criando vínculos entre os participantes. Tais eventos ocorrem de modo concomitante e fazem parte do dia a dia dos grupos em especial grupos negros.

Dentro deste contexto, as irmandades (Cunha Junior; Queiroz, 2022; Queiroz; Cunha Junior, 2024), com destaque para as Irmandades dos Homens Pretos, que têm sua existência comprovada em São Paulo desde o primeiro quartel do século XVIII, mais precisamente em 1721. Esse grupo teve um papel importante nas relações entre identidade e construção de discursos políticos em meio a conflitos, especialmente durante a escravidão (quando amparou pessoas negras marginalizadas e contribuiu, inclusive, para um sepultamento digno). Sendo assim, constitui uma entidade de fortalecimento e pertencimento construída na lógica da oposição, por meio do diálogo com as leis (grifo dos autores). Na atualidade, com novos formatos, essa organização permanece como um fator preponderante de bem-estar para grupos excluídos.

A família central descrita neste trabalho apoiou os seus, vindos em especial do Nordeste brasileiro, e, por quatro décadas, contribuiu para a sociabilidade dos seus familiares e do entorno em que viviam. Fato que é evidenciado nos diversos relatos de vizinhos e familiares, como no agradecimento público prestado a Mamãe Manuela. Eles lhe dedicaram uma festa (dois anos antes de seu falecimento), na qual colocaram uma faixa com os dizeres: “Festa Junina à D. Manuela”.

Entende-se que as irmandades e as associações são dois braços importantes que possibilitaram ao grupo negro marginalizado alguns momentos de lazer. Segundo

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 18/06/2026 - **Accepted:** 08/07/2026
Vol: 13.15
DOI: 10.66104/a1p7ph68
Pages: 1-25

Moura (1988, p. 111-112):

> A fim de preservar suas crenças, conseguiu momentos de lazer, de refuncionalizar seus valores, traços e padrões das culturas africanas, obter alforrias, dinheiro, sepultura ou resistir aberta e radicalmente ao regime escravista; organizou inúmeros grupos ou se incorporou aos já existentes. Essas razões contribuíram para que o grupo negro fosse, numa época em que o espírito despótico dos senhores de engenho e barões do café que queriam centralizar em si todas as formas de organização, um elemento que procurou agrupar-se de mil maneiras, criando uma verdadeira rede de grupos específicos.

Fica aqui registrado a troca de afetos e bem-estar entre os participantes desta caminhada através da autobiografia e etnografia, e também desta filha que se emociona ao relatar suas memórias com profunda saudade.

6. Considerações Finais

Os conceitos de africanidade e afrodescendência contribuem para a renovação dos enfoques sobre a história das populações negras, suas famílias e trajetórias de vida, sendo adotados neste artigo como referências analíticas. A cultura vivida constitui um elemento central na formação das memórias e orienta as interpretações construídas ao longo deste enredo de vida familiar.

Este conjunto de documentos e memórias pode ser compreendido como uma “colcha de retalhos” narrativa, que expressa a ideia de que somos constituídos pelas experiências que vivemos e compartilhamos. Trata-se de um exercício de afirmação identitária, fundamental para o reconhecimento de nossa posição na história.

Nesse sentido, o ato de narrar a si mesmo, de forma criteriosa, constitui uma prática recorrente na memória negra, na qual a cultura apreendida pela vivência é incorporada e ressignificada. Esse processo evidencia as relações sociais que estruturam a identidade do sujeito e sua formação em interação com a sociedade.

Falar de si, portanto, é um exercício de memória que destaca acontecimentos significativos, experiências vividas e processos de socialização. Tal prática contribui para a construção do humano enquanto sujeito histórico, ao mesmo tempo em que fortalece o sentimento de identidade e pertencimento a uma localidade e a um contexto social específico. Trajetória que ilumina processos sociais mais amplos como migração negra para São Paulo, trabalho doméstico,

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 18/06/2026 - **Accepted:** 08/07/2026
Vol: 13.15
DOI: 10.66104/a1p7ph68
Pages: 1-25

permanência de práticas rurais na cidade, ancestralidade, oralidade e apagamento da contribuição negra na história paulista.

Trata-se também de um contato consigo mesmo, um movimento interno no qual cada resgate de memória abre novos horizontes de compreensão e significado. Esse exercício de rememoração revela trajetórias marcadas por lutas dignas e necessárias para a sobrevivência e para a construção da vida para além das estatísticas que historicamente incidem sobre o povo da roça e as populações negras. Acima de tudo, evidencia-se a permanência de uma essência que se preserva e se transforma, sendo transmitida entre gerações como parte de um legado cultural e identitário.

As histórias de si e de seus familiares constituem um exercício de memória que, na atualidade, também se insere como campo de conhecimento, ao transformar oralidade e lembranças em narrativas coletivas. As memórias e histórias da população negra, especialmente por meio de autobiografias, são elementos fundamentais para a construção da história social e para a consolidação de identidades.

Essas memórias e histórias de vida podem ser compreendidas como uma extensão transformada de tradições e métodos de produção de conhecimento oriundos da história africana, posteriormente reelaborados nas experiências das populações afrodescendentes.

O artigo em questão adota essa perspectiva ao reconstruir a história da minha família e explicitar nossa inserção na sociedade brasileira. Trata-se de uma população da roça, negra, que participou da formação histórica de São Paulo, embora muitas vezes não reconhecida nos registros oficiais. Nesse sentido, busca-se aqui reinscrever essas trajetórias na história, reafirmando sua relevância social e histórica.

Referências

ACORDA CIDADE. Feira de Santana chega aos 181 anos com bairros maiores que cidades. 18 set. 2014. Disponível em: https://www.acordacidade.com.br/noticias/feira-de-santana-chega-aos-181-anos-com-bairros-maiores-que-cidades/. Acesso em: 28 ago. 2025.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 18/06/2026 - **Accepted:** 08/07/2026
Vol: 13.15
DOI: 10.66104/a1p7ph68
Pages: 1-25

CÂMARA MUNICIPAL DE CAFELÂNDIA. História do município. Disponível em: https://camaracafelandia.sp.gov.br/historia-do-municipio/. Acesso em: 27 ago. 2025.

CUNHA JUNIOR, Henrique; QUEIROZ, E. G. Educação pan-africana no terreiro Axé Ilê Obá. In: **CONGRESSO DE EDUCAÇÃO AFROCENTRADA**, 1., 2025. Anais [...]. 2025. ISBN 978-65-272-1526-4.

CUNHA JUNIOR, Henrique. Africanidade e afrodescendência. **Educação em Debate**, Fortaleza, 2001.

CUNHA JUNIOR, Henrique. Metodologia afrodescendente em pesquisa. **Ethnos** Brasil, v. 6, p. 69-80, 2008.

CUNHA JUNIOR , Henrique. **NTU**. Revista Espaço Acadêmico, maio 2010.

CUNHA JUNIOR , Henrique. Se eu fosse ensinar filosofias africanas, eu as ensinaria como a hermenêutica do bem viver. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 20, n. 225, p. 120-132, 2020.

CUNHA JUNIOR , Henrique; QUEIROZ, E. G. **Terreiro e bairro negro na geografia da cidade de São Paulo**. In: SILVA, Fredson Pereira da; BARRA, Otávio Augusto de Oliveira Lima; PACHECO, Clécia Simone Gonçalves Rosa (org.). Novas dimensões da geografia: ensino, práticas e pesquisas. Campina Grande: Amplla, 2022. cap. 8. DOI: 10.51859/amplla.ndg2414-8. ISBN: 978-65-5381-091-4.

DE OLIVEIRA, Alexsandra Flávia Bezerra; Cunha Junior, Henrique; DOMINGOS, Reginaldo Ferreira (org.). **Metodologia de pesquisa afrodescendente: conhecimento, conceitos e métodos afrodiaspóricos**. Curitiba: CRV, 2025.

DICIO. Dicionário online de português. Disponível em: https://www.dicio.com.br/. Acesso em: 1 jun. 2026.

FINNEGAN, Ruth. **Oral literature in Africa**. 5. ed. Londres: Oxford University Press, 1983.

KENYATTA, Jomo. **Facing Mount Kenya**. Nairobi: Heinemann Educational Books, 1938.

MOURA, Clóvis. **Sociologia do Negro Brasileiro**. Editora Perspectiva, 2019, 320p.

OBENGA, Théophile. **La philosophie africaine de la période pharaonique**. Paris: L'Harmattan, 1990.

OLIVEIRA, L. B. de S.; CUNHA JUNIOR , Henrique. Resgatando a história da etnia negra no Ceará. **Revista África e Africanidades**, v. 16-17, p. 40, 2012.

OLÚWỌLÉ, Sophie. **Philosophy and oral tradition**. Lagos: African Research Konsultancy, 1997.

OLÚWỌLÉ, Sophie. **Socrates and Ọ̀rúnmìlá: two patron saints of classical philosophy**. 3. ed. Lagos: ARK Publishers, 2017.

ORUKA, Henry Odera. **Sage philosophy: indigenous thinkers and modern debate on African philosophy**. Nairobi: E. J. Brill, 1990.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 18/06/2026 - **Accepted:** 08/07/2026
Vol: 13.15
DOI: 10.66104/a1p7ph68
Pages: 1-25

QUEIROZ, E. G. Aquele maravilhoso bolo de coco. In: Queiroz, E. G.; Cunha Junior, Henrique (org.). **Autobiografias e territórios**. Fortaleza: Via Dourada, 2023.

QUEIROZ, E. G. **Fogueiras urbanas: minhas lembranças são aquilo que sou**. In: DE JESUS, Tiago Souza; SILVA, Samuel Morais; VIEIRA, Cleber Santos; CUNHA JUNIOR, Henrique (org.). Negras grafias em autobiografias. Fortaleza: Via Dourada, 2021.

QUEIROZ, E. G.; CUNHA JUNIOR , Henrique. Os jardins do terreiro Axé Ilê Obá: um patrimônio cultural paisagístico. **Revista Latino-Americana de Ambiente Construído & Sustentabilidade**, v. 5, n. 20, 2024. ISSN 2675-7524.

QUEIROZ, E. G. **Orixás e a sua complexidade sistêmica com design, arquitetura e urbanismo e arte no terreiro Axé Ilê Obá em São Paulo**. 2023. 200 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2023.

SILVA, Helenice Christina Lima. **O papel da memória em Amkoullel, o menino fula, de Amadou Hampâté Bâ**. 2015. 101 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015. DOI: https://doi.org/10.14393/ufu.di.2015.262.

SOUZA, Juliana de. **Memórias e histórias negras da cidade de Carapicuíba - SP: uma abordagem para a educação escolar**. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

SOUZA, Juliana; Cunha Junior , Henrique Antunes. A inscrição de um território negro urbano: introdução a uma pesquisa em Carapicuíba – SP. **Revista África e Africanidades**, v. 12, p. 1–14, 2011.